

**Deusdete Rodrigues Simões <sup>1</sup>, Elizangela Estevão Silvestre <sup>2</sup>, Michelle Camila da Silva <sup>3</sup>**

## **COMO INCLUIR O AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

### **RESUMO**

Muito se discute sobre a questão do autismo, quanto a sua recepção por parte da sociedade de forma ampla, escolar e familiar. O objetivo principal deste artigo esta em buscar a melhor forma de incluir uma criança com autismo no âmbito escolar? Com análises de correntes teóricas no contexto bibliográfico acadêmico. A qual resultou numa visão preliminar sobre o conceito de autismo, entrelaçada as possíveis características apresentadas por indivíduos autistas a quais precisam ser mais bem compreendidas pelas pessoas que os cercam, sobre o papel da família, a qual deve ter participação ativa dentro deste processo e uma escola e sua estrutura social física e educacional adequada para a criança autista. Com a junção destes quatros fatores é possível a constituição de um modelo que promovam a inclusão da criança autista no cenário escolar.

**Palavra-chave:** Autismo – características – família- inclusão.

### **ABSTRACT**

Much is discussed about the issue of autism, with regard to its reception by society in general, school and family. The main goal of this article is to find the best way to include a child with autism in school? With analyzes of theoretical currents in the academic bibliographic context. This resulted in a preliminary view on the concept of autism, interspersed with the possible characteristics presented by autistic individuals who need to be better understood by the people who surround them, about the role of the family, who should have an active participation in this process. and a school and its appropriate physical and educational social structure for the autistic child. By combining these four factors, it is possible to create a model that promotes the inclusion of the autistic child in the school environment.

Key word: Autism - characteristics - family – inclusion

<sup>1</sup>Faculdades Integradas de Naviraí – FINAV- GEOGRAFIA –[deusdety@hotmail.com](mailto:deusdety@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS –Ciências Biológica– [eliza-19\\_estevao@hotmail.com](mailto:eliza-19_estevao@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade anhanguera Uniderp – Pedagogia - [Letras-michellecamila20@hotmail.com](mailto:Letras-michellecamila20@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende enfatizar sobre um assunto tratado durante as atividades Acadêmicas Rosa Maria Aparecida Simões do curso de Educação Especial e Inclusiva 1.000 horas. Como incluir uma criança com autismo no âmbito escolar? Para responder está e outras dúvidas que surgiu no decorrer da pesquisa, foi necessário buscar apoio em alguns escritores e psicólogos, como, (SASSAKI, 1998, p.8) que diz: “[...] A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente, e de propiciar-lhe uma educação de qualidade[...]”.

Com isto pode-se perceber que de certa forma há algumas barreiras que dificultam o acesso destas crianças no âmbito escolar. Mesmo estando no século XIX, consegue-se notar que alguns aspectos sociais ou até mesmo familiares, são considerados como uma “problemática” diante a sociedade, pairando então neste contexto o autismo e sua inclusão.

Dificuldades vêm surgindo por dois importantes motivos, falta de conhecimento por parte dos pais e até muita das vezes falta de aceitação, ou até mesmo por falta de preparação dos professores, ambos seja família ou escola devem estar dispostos a desenvolver o aluno no quadro inclusão. Pois a inclusão é antes de tudo uma questão de direito.

De acordo com (CUNHA, 2014, p.93) “Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão”. Sendo assim a inclusão em termos educativos faz mais sentido se for perspectivada como educação inclusiva. Seja qual for a proposta pedagógica, um atendimento consciente e responsável não deve acontecer somente no âmbito escolar.

A família da criança com autismo possui um papel decisivo no seu desenvolvimento. Para (Vygotsky, 2001, p.143) “Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional neste indivíduo.

Para se obter estas estatísticas mencionadas por Vygotsky é necessária a total aceitação e participação dos pais, pois o maior passo deve ser dado por eles, buscando por

especialistas, diagnosticando o grau de autismo da criança e informando a escola seu quadro clínico, para que a escola por sua vez possa ter uma noção de como se preparar a partir deste passo.

Cabe à escola ter docentes preparados para lidar com esta criança e fazer com que ela se sinta acolhida da melhor maneira possível. Contudo, é importante entender que o papel da escola é preparar a criança para uma sociedade e a melhor maneira de se começar é por meio da inclusão na infância.

## **O AUTISMO**

Algumas crianças enfrentam um modelo de transtorno conhecido como autismo, este evento atinge sob maneira o ciclo comportamental do indivíduo, outro fato relevante esta na eclosão deste transtorno o qual se manifesta nos primeiros anos de vida, a causa de sua promoção é distinta de um indivíduo para outro conforme aponta citação a frente “O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grande contribuição de fatores genéticos” (CUNHA,2017, p.19). Com isso dificulta qualquer modelo de diagnóstico precocemente.

A legislação buscou fundamentar este distúrbio, tentando dar de certa forma um padrão a este evento. “A Lei nº 12.764/12 caracteriza a síndrome como uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social” (CUNHA, 2017, p.20). De fato, esta lei buscou ainda a proteção dos direitos destes indivíduos envolvidos neste quadro. Os sintomas do autista normalmente persistem durante a vida toda. O número estimado de pessoas identificadas como sendo portadoras continua a aumentar, ao mesmo tempo que os médicos e cuidadores tentam aprender mais sobre os sintomas deste transtorno.

As pessoas afetadas têm dificuldades para se comunicar e se relacionar com pessoas que não esteja no ciclo familiar. Autista também têm padrões de comportamento, interesses e atividades diferentes de outras e com frequência seguem rotinas rígidas. Muitas das vezes o diagnóstico se baseia na observação e nos relatos dos pais e outros cuidadores. “O autismo compreende a observação de um conjunto de

comportamento na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas.” (CUNHA, 2017, p.20). Dificuldades com a comunicação não verbal dificulta o contato visual, assim faz com que usem linguagem corporal diferente acompanhada de expressões faciais.

Os indivíduos são voltados para si mesmos, não estabelecem contato visual com as pessoas nem com o ambiente, embora consigam falar, mas não usam a fala como ferramenta de comunicação. Portanto podem entender enunciados simples, têm dificuldade de compreensão e apreendem apenas o sentido real das palavras. Não compreendem brincadeiras com dois sentidos. Cunha diz “Percebe-se na criança o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade afetiva.” (CUNHA, 2017, p.24). É fundamental descobrir um meio ou técnica, não importam quais, que possibilitem estabelecer algum tipo de comunicação com o autista.

A grande maioria das crianças no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresenta disfunções sensoriais. Tais indivíduos necessitam adquirir uma capacidade defensiva, onde experimentam os estímulos sensoriais de formas negativas e distintas entre si. “Capacidade para superar a frustração e a irritabilidade que podem advir das dificuldades de comunicação.” (CUNHA, 2017, p.81). Mas para uma pessoa normal significa tolerável, no entanto o autista pode ser reverso, gerando angústias e sofrimentos.

Pessoas normais que tem hipersensibilidade auditiva, ao ir a lugares muito barulhentos, se sentirá desconfortável de uma forma tão grande que muitas vezes preferirá permanecer em casa ao invés de andar por uma cidade, visitar familiares ou ir a eventos com várias pessoas.

Esses estímulos táteis considerados aversivos para autistas podem reprimir a socialização de forma considerável ou desencadear estereotípias. Em alguns casos, movimentos repetitivos podem ser uma forma de buscar alívio de sensações contrárias. É importante esclarecer que nem todas as disfunções sensoriais resultam em problemas comportamentais, e que movimentos repetitivos também ocorrem na ausência de hipersensibilidade sensorial. Fatos como esses nos mostram a necessidade de

identificar e tratar de forma precisa as pessoas com disfunções sensoriais, em especial Autistas. Nesta linha justifica (CUNHA, 2017, p.78).

Quando falamos do mundo autístico, reconhecemos as dificuldades na comunicação e na linguagem. É natural que alguns com a síndrome não atendem para a necessidade social de expressar-se, mas isso não significa que não sejam sensíveis e não procurem comunicar-se por outra via: a via afetiva.

Com isso cabe ao docente ser compreensível com as diversas dificuldades que possa vir a encontrar no desenvolver dos trabalhos pedagógicos, se tratando do caso autismo aqui mencionado, é de grande necessidade a preparação do professor mas o sucesso está quando o olhar é voltado não somente ao profissional mas sim colocado em pratica amor ao próximo encontrando a consolidação com o trabalho mais o amor ao que se está efetuando consegue-se chegar a resultados positivos para esta criança possa se sentir acolhida.

### **ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS.**

Foi em (1944) que o termo autismo foi descrito pela primeira vez por Kanner como “Autismo Infantil Precoce” considerado uma rara doença psiquiátrica da infância. Kanner foi um psiquiatra austríaco, que realizou pesquisas em um grupo de 11 crianças cujo o comportamento apresentava algum tipo de limitação social, desordem no desenvolvimento da linguagem. (GOULART, 2002, p. 152).

Essas crianças apresentava um comportamento com atos repetitivos e estereotipados, suas falas eclodiam e inversão pronominal. A criança com autismo apresenta um quadro delicado em seu desenvolvimento, exige uma atenção especial, pois apresentam uma dificuldade na aceitação na mudança de ambientes e possuem preferencias por objetos inanimados. As crianças com autismo possuem também algumas características de isolamento. (GOULART, 2002)

Partindo do pressuposto analítico do comportamento o autismo de acordo com as análises de observação o autismo e uma síndrome. Segundo (Green, 2001). “Do ponto de vista analítico-comportamental, o autismo é uma síndrome de déficits e excessos que [pode

ter] uma base neurológica, mas que está, todavia, sujeita a mudanças, a partir de interações construtivas, cuidadosamente organizadas com o ambiente físico e social”

A criança autista deve ser conduzida a estímulos de conhecimentos diferentes, como seu próprio nome, palavras, cores, formas, letras e números e assim por diante. Neste reforço podem ocorrer as respostas que podem não ser positivas do tipo problemáticas como, as birras, autolesões e evitações. Alguma atribuição é dada à causa, sendo considerado um distúrbio neurofisiológico, sendo associadas a distúrbios metabólicos, encefalites, meningite, rubéola contraída antes do nascimento, como também lesões cerebrais. As causas específicas do autismo ainda são desconhecidas mesmo com as bases como citadas acima, não comprovadas. (ROCHA;GUERREIRO, 2006).

Crianças autistas são capazes de criar um mundo só para elas, para não precisar estabelecer um contato com o mundo social. Os sintomas de perturbação podem se manifestar antes dos três anos onde pode ser observado na interação social. A identificação nas fases iniciais ajuda a minimizar o sofrimento da criança, onde é possível observar: crianças isoladas de outras crianças normais agem como se não ouvissem, não fala, evita as aprendizagens, não possui medo do perigo, resiste à mudança de rotinas, usa as pessoas como objetos, tem um modo de rir fora do padrão e movimentos não apropriados, evita o contato físico, evita contato visual, agarra demasiado determinados objetos, habilidades de manuseio de objetos peculiares, em alguns casos apresenta comportamento de agressividade, e possui um comportamento indiferente e afastado em alguns momentos, não permanece em locais com muito barulho e grandes multidões de gente. (ROCHA;GUERREIRO, 2006)

Podemos também identificar as características de uma autista não apenas por seu comportamento de isolamento e seletivo, mas também por suas características físicas, observáveis como rosto, sua articulação, conforme explica:

Embora não existam características que por si só constituam o Transtorno Autista, pode-se observar algumas peculiaridades fenotípicas (conjunto de características observáveis, aparentes, de um indivíduo), mas que só se manifestam após a puberdade. Nesse conjunto de características, podemos encontrar face longa e estreita, aumento do volume dos testículos, hipotonia muscular, frouxidão articular, retardo na aquisição da fala, hiperatividade, alterações esqueléticas, cardiovasculares e fonoarticulatórias”. Autismo, que vem do grego “autos” e significa “eu mesmo” (GRINGER, 2010)

## **A IMPORTÂNCIA DA FAMILIAR INSTITUIÇÃO FAMILIAR**

Um dos mais destacados aspectos da criança autista esta agregado ao comportamento, o que em suma maioria gera um conflito de tratamento por parte dos pais, pelo fato de gerar em alguns momentos duvidas na maneira de conduzir o relacionamento entre eles e seu filho autista, um diagnostico comportamental que pode ser aplicado a este evento com o objetivo de alcançar de certa forma uma melhor resposta por parte de ambos os envolvidos, esta na tratativa direta e compreensão do cenário que se encontram “O comportamento dos filhos pode ser compreendido, mas para ser controlado com êxito é preciso uma abordagem um pouco diferente daquela usadas para outras crianças.” (WILLIAMS; WRIGHT, 2008, p.83). Contudo, o modo de corrigir o autista requer muito cuidado com o tom de voz, ou até mesmo com a maneira de agir fisicamente.

A contar desse passo o elo familiar dentro deste circuito tende a se fortalecer, a percepção e interpretação de possíveis fatos que ocorrerão, ainda que de maneira morosa tendam a serem identificados com maior clareza pelos pais. Toda criança possui sua estratégia de comunicação principalmente quando objetivam posse, necessidade e beneficio dentro de uma situação, contudo os pais de crianças autistas passam constantemente por um processo de aprendizagem e readaptação no campo do relacionamento comportamental como demonstra a citação a seguir “A criança gritando no meio da cozinha talvez seja transmitindo a mensagem de sede, mas não esta comunicando conscientemente à mãe, que ali se encontra ela terá que adivinhar e, com intuição e tentativas e erros, acabara descobrindo (WILLIAMS; WRIGHT, 2008, p.83). Na maioria dos casos, o pais acabam não entendendo o sinal feito pelo aumentando o índice de irritação.

O sentimento de raiva pode alcançar vários personagens dentro de uma sociedade. Varias são as oscilações dentro do cenário que podem dar partida a este evento comportamental “A provocação pode ser de um som inesperado da buzina de um carro, um empurrão no meio da multidão, achar que estamos sendo tratados injustamente ou recebermos ameaças.” (WILLIAMS; WRIGHT, 2008, p.181).

Dentro deste raio de alcance encontra-se o autista que por muitas das vezes não tem amparo compreensivo. Senão vejamos, é comum, muito embora pouco aceitável a explosão

de ira de um personagem não autista. Contudo a manifestação de raiva da criança ou jovem autista em suma maioria esta fundamentada por grande parte da sociedade pelo seu distúrbio, feito este que seria bem atendido quando se utilizar uma melhor percepção e ainda a utilização de ações preventivas que evitaram novas explosões no campo do sentimento. Neste sentido apontam (WILLIAMS; WRIGHT, 2008, p.182).

É importante entender esse ciclo quando tentamos ajudar jovens com ASD que sentem raiva extrema. À primeira vista, pode parecer que o furor ocorreu sem motivo, mas a reavaliação minuciosa do incidente provavelmente revela pistas. Depois de descobrir as possíveis causas, é mais fácil impedir prováveis provocações no futuro.

Outro fator dentro da jornada da maioria das crianças autistas esta no enfrentamento do transtorno do processamento sensorial, que se resume na maneira que o cerebro do individuo em questão processa as informações externas que são emitidas pelos cinco sentidos o tato a visão a audição o olfato e o paladar “[...] crianças com ASD costumam concentrar-se em ruídos, tato, sensação gosto, aroma e experiências visuais – embora nem todas elas. Isso pode levar a preocupações ou compulsões, ou excesso de sensibilidade a certas experiências sensoriais [...]” (WILLIAMS; WRIGHT, 2008, p.55). Com isso o ciclo sensorial do autista é distinto comparado às pessoas normais.

Pode-se entender de certa maneira que a promoção do desempenho sensorial dos autistas no que tange a questão da intensidade deve ser destacada, pois aponta uma variação neste cenário, onde se encontra uma subdivisão nos termos de aceitação e fuga proporcionados pelo processamento de seus sentidos, o que de certa forma gera um grande abismo que ratifica sob maneira modelos comportamentais diferentes no aspecto sensorial. Nesta linha apontam Chris Williams e Barry Wright:

[...] Não sabemos exatamente como os outros indivíduos vivenciam as sensações para compararmos. O que sabemos é que algumas pessoas com autismo descrevem coisas de modo bastante distintos e podem centrar sua atenção em experiências sensoriais que outros, talvez ignorem [...] (WILLIAMS; WRIGHT, 2008, p.62).

A família tem papel fundamental dentro do cenário social não diferente no meio autista como se percebeu ate aqui, contudo esta ultima sofre uma alteração drástica em sua



estrutura e em seu posicionamento dentro da sociedade. “É normal que os pais se preocupem, porque há relevantes alterações no meio familiar e nem sempre, é possível encontrar maneiras adequadas para lidar com as situações decorrentes.” (CUNHA, 2014, p.87). Ainda assim é por meio da intervenção familiar no campo do relacionamento que se constituiu de maneira progressiva as primeiras estruturas de socialização da criança autista. “Uma grande ajuda para todos os indivíduos com autismo, independentemente do grau de severidade, vem das relações familiares, em razão do enfoque na comunicação, na interação social e no afeto.” (CUNHA, 2014, p.87). Com isso o ciclo sensorial do autista é distinto comparado às pessoas normais.

## **COMO INCLUIR O AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Quando tratamos do tema inclusão escolar deve-se compreender que a escola necessita estar preparada, para receber alunos com necessidades educacionais especiais, este é um conjunto que abrange: escola, aluno, professor, família. Segundo Cunha (2014, p.98)

[...] o sistemas de ensino deverão assegurar ao educando com necessidades educacionais especiais os recursos necessários para seu aprendizado e a consequente inclusão, o que requer currículo, métodos e técnicas adequadas, recursos e organização; [...].

O incluir baseia-se na igualdade onde todos os mecanismos possam ser utilizados de forma à ajuntar, e associar os alunos tanto os de necessidades especiais, quanto os outros também, independente da situação a qual a escola se deparar. De acordo Cunha (2014, p.99)

A criança deve frequentar a classe regular e fazer parte da diversidade discente. Além disso, ainda que esteja em uma escola especial, deve ter acesso a escola comum com o apoio dos serviços especializados.

Uma verdadeira inclusão escolar é baseada não somente na preparação do docente que é fundamental, mas também no tratar do ambiente escolar onde será recepcionada a criança, o aluno, devendo ser um lugar acolhedor com atrativos para manter o interesse à permanência do mesmo. Cunha (2014, p.100) nos coloca a seguinte afirmação:

Não podemos pensar em inclusão escolar, sem pensarmos em ambiente inclusivo. Inclusivo não somente em razão dos recursos pedagógicos mas também pelas qualidades humanas. Apesar de um espaço atraente e adequado para a instrução escolar ser uma necessidade elementar na educação [...].

Quando falamos de autismo e a inclusão de crianças ou adolescentes no cenário social escolar, devemos nos atentar a possíveis aberturas na questão do saber, o quão necessário é a preparação do ambiente físico e social da escola como também a desmembração da formalização científica por parte dos profissionais da escola, buscando de certa maneira o aumento e facilitação no trato destes alunos, procurando um ponto de equilíbrio e uniformização de toda a sociedade escolar. Com isso, as escolas tornar-se-ão um ambiente para que esses alunos possam expressar seus sentimentos e usufruírem daquilo que lhe cabe de direito. Neste sentido Dayse Serra aponta:

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir às experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos normais ou especiais. Sendo assim, as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez sejam “os conteúdos” que serão ensinados. A questão que podemos e devemos levantar é se a escola representa para a criança especial, um espaço significativo de aprendizagem, e sendo a resposta positiva, podemos então afirmar que desenvolvemos práticas inclusivas. (SERRA, 2010 p.172)

Em se tratando da escola o docente tem em suas mãos o poder da mudança ou pelo menos da melhora de alguns casos, tendo ele não apenas um papel de ensinar mas sim contribuir no desenvolvimento para o aluno autista, são os professores quem realmente colocam em pratica as leis existentes, pois não existe lei sem a execução da mesma. O docente por sua vez deve buscar ter essa atitude e iniciativa. Contudo a autora Dayse Serra nos diz que:

Os profissionais envolvidos terão uma tarefa muito importante: observar criteriosamente as alterações (ou ausência delas) depois de cada intervenção e registra detalhadamente. Os resultados das observações e dos registros gerarão novos planejamentos de intervenção e a avaliação da eficiência das estratégias. (SERRA, 2010, p.171)

Na escola a inclusão não deve ser constatada apenas em colocar o aluno com autismo dentro de uma sala de aula típica, e sim, deveriam basear-se no educar e como educar, este sem dúvidas é um trabalho árduo mas que se faz necessário que aplique dentro dos planejamentos pedagógicos para que haja eficácia na realização deste trabalho. A autora nos aponta também que:

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo e programas educacionais. Este não pode se resumir às experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos autistas. Sendo assim, as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez sejam “os conteúdos” que serão ensinados. (SERRA, 2010, p.173)

Quando a criança corresponde a alguma atividade ou mediante uma brincadeira é importante que seja explorado este lado da criança para que ela possa estar se desenvolvendo e aprendendo cada dia mais, tanto na parte da atividade quanto no convívio social que melhora também significativamente com o reforço de algo positivo, que alegre esta criança. Assim:

Aproveitar a atenção e a iniciativa de crianças com autismo para explorar determinados objetos e utilizar esta iniciativa como via para estabelecer e manter as trocas de ações com essas crianças pode ser uma alternativa frutífera para enriquecer o contato social delas com outras pessoas, tanto com adultos como também com outras crianças. (ORRÚ, 2003, p.10)

Percebe-se então que a falha começa na compreensão do autismo e na preparação das pessoas envolvidas, para lidar com o mesmo, famílias e profissionais devem andar lado a lado, para que haja eficácia. O educador por sua vez deve estar preparado para sair da rotina considerada mesmice, e se tornar flexível, buscando assim dinâmicas que desenvolvam as especialidades e a inteligência desse aluno e que ele tenha a oportunidade de tentar aprender de tudo desenvolvendo conforme suas possibilidades o seu aprendizado adquirido. O resultado de todo esforço leva tempo então necessita-se de preparação, paciência e amor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

As particularidades que levaram ao desenvolvimento deste estudo intitulado Como incluir o autista na educação infantil, se deram primeiramente pelo fato de tal demanda estar incluída na esfera pedagógica, em seguida por o despertar de questões outrora não percebidas como o distanciamento da sociedade a cerca desta questão, assim como a busca de um ângulo maior no tocante ao desenvolvimento de conhecimento a respeito do autismo.

Após sucinta pesquisa bibliográfica feita a respeito de qual a melhor forma de inclusão da criança autista na educação infantil, passando por uma previa apresentação do

evento autismo, e algumas de suas características e a importância do fortalecimento do elo familiar, alicerçado assim com a participação ativa da instituição escolar, a cerca desta questão. Podemos considerar finalmente que:

A respeito do autismo em si, não existe ainda um exame que revele esta anomalia, com isso produzindo um diagnóstico plenamente comportamental, o qual se aplica nos primeiros anos de vida, existe fundamentação legal por meio da lei nº 12.764/12, que busca definir este distúrbio de maneira uniforme tentando padronizá-lo. Outro fator relevante a ser apontado está em que a pessoa autista continuará com os sintomas durante toda sua vida.

Quanto às características firma-se aqui que são inúmeras, contudo, destacam-se algumas, como as que promovem a criança autista, um nível delicado de desenvolvimento, os atos repetitivos são comuns dentro deste contexto assim como birras, auto-lesões os fatores comportamentais são fundamentais dentro das características do autismo e o isolamento em muitos dos casos se desdobra.

A partir da família pode-se visualizar o primeiro elo entre o autista e a sociedade assim como a sociedade escolar, Esta instituição poderá estabelecer alguns avanços quanto a fatores comportamentais das crianças autistas, tendo em vista convivem diretamente com o autismo. O desempenho familiar de maneira compreensiva fundamental para o autista dar o primeiro passo da inclusão. Em outras palavras a primeira inclusão do autista deve ser no seio familiar.

Ainda que peque em redundância vale ressaltar que: A possível inclusão da criança autista no berço educacional depende principalmente do envolvimento de maneira compreensiva por parte da família, o que de certa maneira condiciona esta criança a um avanço comportamental e facilitará sua inserção na escola. Contudo, ainda há a necessidade de se ter na escola uma estrutura física como também profissional esta última envolvendo todos os membros da escola, professores, administrativos e equipe de apoio para a receptividade destes personagens, para que haja um sentimento de apoio a esta criança por parte de todos envolvidos necessita também que a mesma se sinta acolhida. Algumas das estratégias que poderão ser aplicadas buscando uma interação por parte dos alunos autistas são encontradas na ludicidade, de brincadeiras repetitivas de fácil manuseio entre outros.

Nota-se que as considerações finais vão para além do objetivo estabelecido inicialmente isto porque com a confecção deste artigo novos questionamentos se posicionaram ao ponto de não colocar o acesso do autista ao berço escolar como única forma de inclusão necessária.

#### REFERÊNCIAS:

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 5 ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014. p.140.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2017. p.140.

GOULART, Paulo; DE ASSIS, Grauben José Alves. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos.

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Belém-Pará, v.4, n.2, p.151-165, junho. 2002.

ORRÚ, Sílvia Ester. A formação de professores e a educação de autistas.

Revista ibero-americana De Educación, Brasília, v.33, n.1, p.1-14, mar./abr. 2003.  
<https://doi.org/https://doi.org/10.35362/rie3312965>

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão, o paradigma da próxima década. Brasília: mensagem, v.34, n.83, p.8, 1998.

SERRA, Dayse. Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria.

Revista de Psicologia, Fortaleza, v.1, n.2, p.163-176, jul./dez. 2010.

VIGOTISKY, Lev S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.143.

WILLIAMS, Chris; WRIGHT, Barry. Convivendo com autismo e síndrome de asperger: Estratégias práticas para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda. 2008. p.326.

